

ELA SABE O QUE QUER

Fotos: Marcia Freire

Elza Costa Pereira concedeu esta entrevista em sua sala no 14º andar do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, capital paulista, do qual é diretora de finanças. A exposição de fotos, quadros e cartazes bem alinhados nas paredes e nos porta-retratos do seu local de trabalho reforça os conceitos que ela desfruta no movimento sindical: é leal, atuante, combativa e inquieta. Suas respostas, contundentes, comprovam estas percepções!

Robson Gil Gazzola

De que forma você avalia o desempenho da mulher brasileira no movimento sindical hoje?

De modo muito positivo. Avançamos na conquista de espaços e de cargos decisivos para o sindicalismo. Acredito que a presença da mulher em cargos diretivos é fundamental.

Por quê?

A mulher tem um jeito especial de lutar pelos objetivos das suas categorias e nossa natureza é muito peculiar. A mulher é minuciosa. Por isso, com a atuação feminina, as ações sindicais das entidades são realizadas de modo mais detalhista. E o diálogo feminino é produtivo, juntos às mulheres e aos homens. É importante mantermos esta interatividade, ampliando o diálogo para não tratarmos apenas das questões relacionadas às mulheres. A luta é conjunta.

Você é esposa do presidente da Força Sindical, o Paulinho. Como faz para separar o fato de ser esposa de um líder, do seu papel de sindicalista?

Equivocadamente algumas pessoas me vêem somente como “a mulher do Paulinho”. Tenho orgulho de ser esposa de um líder sindical tão respeitado, mas preservo as minhas individualidades. Por exemplo, cito a minha trajetória no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes. Portanto, procuro desfazer esta visão equivocada no exercício do meu mandato sindical.

O Sindicato teve eleições recentemente. Para que cargo você foi eleita?

Diretora de Finanças. Este é o meu terceiro mandato. Já passei pela vice-presidência e agora, pela segunda vez, assumo a área financeira.

Qual é o significado desta reeleição?

Para mim, a expressiva votação significa a consagração dos resultados dos nossos trabalhos; um importante sinal de confiança dos metalúrgicos. O mais recente desses trabalhos foi a campanha salarial unificada que garantiu à categoria avanços econômicos e sociais. A chapa um, venceu com 96% dos votos e o companheiro Miguel Torres, que substituiu o saudoso Eleno Bezerra, foi eleito presidente dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes. Nosso mandato será de 2009 a 2013.

Dentro da sua atividade sindical quais seriam outras lutas e vitórias que você destacaria?

A legalização das Centrais Sindicais. Foi uma grande vitória. Ela unificou a luta dos trabalhadores e reconheceu, de fato e de direito, as atuações das Centrais. Sem contar que a medida definiu uma importante forma de custeio para seguirmos em frente na defesa dos interesses dos trabalhadores. Agora, estamos em todo o País, lutando pela adoção das Convenções 158 e 151 da OIT, que tratam do fim das demissões involuntárias e da concessão do poder de negociação aos servidores. Numa mobilização unitária estamos empenhados em conseguir a redução da jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas, sem



“A legalização das Centrais Sindicais unificou a luta dos trabalhadores e reconheceu, de fato e de direito, as atuações das Centrais. Sem contar que a medida definiu uma importante forma de custeio”

redução salarial. A entrega no Congresso Nacional das mais de um milhão e meio de assinaturas coletadas pelos trabalhadores para este fim foi emocionante. Gostaria de citar também nosso empenho contra a mal intencionada Emenda 3 para transformar os trabalhadores com carteira assinada em pessoas jurídicas.

Em termos sociais você conduz um trabalho de elevado valor humano chamado “Meu Guri”. Fale sobre este projeto!

Trata-se do Centro de Atendimento Biopsicossocial “Meu Guri”; um projeto que atende crianças carentes, adolescentes e suas famílias. Fica na Serra da Cantareira, zona norte de São Paulo. Começou no primeiro andar da subsede do Sindicato, no Tucuruvi, um bairro vizinho. A área verde tem noventa e sete mil metros quadrados. É muito bonito. ►



“A renovação dos quadros do movimento sindical brasileiro depende muito da participação feminina que tem crescido muito; não somente em quantidade, mas também em qualidade”

O “Meu Guri” nasceu como um abrigo, mas hoje evoluiu!

E muito! Na Cantareira temos mais de três mil metros quadrados de área construída. Com seu amadurecimento implantamos o Projeto Psico-Pedagógico que prioriza os valores comunitários. Tanto que em 2006 inauguramos o Núcleo de Atendimento Comunitário, no Tucuruvi. Um ano depois, criamos o Projeto Laços, em Mai-riporã, na Grande São Paulo. Temos biblioteca comunitária, horta hidropônica e projetos para darmos cursos de informática, capacitação profissional, oficinas para a geração de empregos e grupos de reflexão e terapêuticos para a comunidade. Tudo grátis!

Qual o número de pessoas atendidas pelo “Meu Guri”?

Fechamos 2007 com 4.100 atendimentos. Este ano chegamos a 6.563.

Como você se sente na realização deste trabalho?

É gratificante. No “Meu Guri”, trabalhamos acima de tudo para darmos amor e carinho às crianças. Lá, eu percebo que elas passam a ter auto-estima. São pessoas humildes e carentes sob muitos aspectos. Visamos também à educação e as formações cidadã e profissional.

Este trabalho ficará marcado com as melhores lembranças no meu coração.

Que mensagem você passa para as crianças em termos de cidadania?

Que o respeito ao próximo é fundamental mesmo que haja diferenças entre si. Falo que a educação e os estudos são importantes para construirmos um Brasil mais justo e igualitário. Também alerto todos para o perigo das drogas e demais descaminhos.

Você disse que as mulheres mantêm um bom diálogo com os dirigentes. Mas vocês não enfrentam discriminação?

Sim, mas em menor escala porque as mulheres estão se impondo com determinação e estão sendo reconhecidas como ponto de equilíbrio desta relação. E, como falo às crianças do “Meu Guri”, qualquer espécie de discriminação tem de acabar. Para tanto, quanto mais mulheres se filiarem e se inserirem no sindicalismo, melhor. A renovação dos quadros do movimento sindical brasileiro depende muito da participação feminina que tem crescido muito; não somente em quantidade, mas também em qualidade.

Este crescimento é percebido em quais situações?

As diretorias das Centrais Sindicais, das Confederações, das Federações e dos Sindicatos estão elegendo mais mulheres. Estas mesmas entidades estão organizando, com sucesso, departamentos ou secretarias femininas. Ou seja, há uma infra-estrutura para atender as causas femininas.

“No ‘Meu Guri’, trabalhamos acima de tudo para darmos amor e carinho às crianças. São pessoas humildes e carentes sob muitos aspectos”



É uma grande contribuição, mas a mulher trabalha fora, é esposa e mãe. Esta condição a afasta do movimento sindical...

Mas a mudança deste quadro depende muito das mulheres. Elas têm de conversar com o marido; dizer que o trabalho é sério e realizador. Em seu local de trabalho, conscientizar as amigas diante da causa sindical, lutar por creches e escolas que cuidem dos seus filhos num horário diferenciado ou conseguir auxílios afins. Sindicalismo não acaba com casamento e nem desfaz famílias! Nas reuniões sindicais, leva o marido junto!

Seu esposo, o Paulinho, preside a Força e é deputado federal. A ausência dele não incomoda? Como você lida com isso?

Ele conta com todo meu apoio! Tenho consciência da importância dele na construção de um sindicalismo ativo, sério e realizador e da sua projeção nacional que, certamente, vai além do movimento sindical. Sempre que possível, procuro acompanhá-lo. Mas ele tem os trabalhos e os compromissos dele e eu, os meus.

O Paulinho foi eleito deputado federal pelo PDT com 287.430 mil votos e você já foi candidata à senadora. Está mesmo disposta a seguir carreira política?

Meu pensamento é o seguinte: dirigente sindical tem de defender o trabalhador em toda situação, esteja ele ocupando o cargo que for. O Paulinho foi um candidato natural a deputado federal, dada sua combativa trajetória sindical. Se esta naturalidade me colocar para disputar cargos eletivos, certamente serei candidata. Esta pergunta só o tempo vai responder.

Esta participação seria bem-vinda principalmente às mulheres para ampliar a representatividade...

Independentemente do cargo, político ou não, as mulheres

têm de ocupar espaço. Na Força, 9,6% dos cargos de presidência dos nossos Sindicatos são ocupados por mulheres. Isto é, 132 mulheres. Recentemente, as mulheres das diretorias estaduais da Força fizeram um seminário e reivindicaram, corretamente, a ampliação da participação feminina na direção da Central. Seria ótimo se isso acontecesse também na política.



"Espero que os ônus da crise financeira mundial não desabem sobre os trabalhadores. A economia tem de girar para haver criação de empregos"

No mercado de trabalho também!

Sem dúvida. Para conseguir um emprego, entrar no movimento sindical ou se eleger para um cargo político a mulher tem de se preparar, estar qualificada e conscientemente formada e bem informada. Nessas condições seu engajamento tende a ser espontâneo e suas chances de empregabilidade, maiores. É inaceitável a mulher desempenhar a mesma função, cumprir a mesma jornada e ganhar menos do que os homens. Por quê? Temos escolaridade e disposição para o trabalho. Não quero ser uma feminista de plantão, mas a sociedade precisa se

conscientizar mais da importância da mulher. Assim, juntamente com os homens, sejam eles políticos ou não, sindicalistas ou não, vamos construir um Brasil que ampare suas crianças e gere emprego para seus pais.

Quais são suas expectativas para 2009?

Espero que os ônus da crise financeira mundial não desabem sobre os trabalhadores. A economia tem de girar para haver criação de empregos. Diante desta turbulência internacional as entidades sindicais do Brasil e do exterior devem redobrar suas atenções para a manutenção dos empregos. Desejo um Ano Novo com emprego e renda. Prosperidade a todos! ■